Virgínia Soares Pereira, *Aegidius Scallabitanus. Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*, Braga, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000 (762 pp.).

É com grande satisfação que se deve receber esta volumosa obra da Prof. Virgínia Pereira, que vem, por um lado, acrescentar a série de excelentes estudos que sobre o Renascimento português se vêm realizando em Portugal desde que o Prof. Costa Ramalho deu impulso a esta área, e por outro colmatar uma lacuna na de resto bem conhecida obra resendiana. Para já, teremos de lamentar que uma gralha tipográfica tenha tirado do título o autor do tratado objecto de estudo, André de Resende, o que certamente se traduzirá em entraves para a perfeita identificação do conteúdo do livro, visto tratar-se de uma das produções menos conhecidas do famoso humanista.

O presente livro da Prof. Virgínia Pereira, baseado na sua tese de Doutoramento mas com pequenas alterações que incluem actualização bibliográfica, constitui um exemplo de rigor científico no estudo de um texto humanístico. A tradução do diálogo resendiano (trata-se de um diálogo, embora o último dos quatro livros não assuma a forma dialogada), com abundantes notas explicativas que esclarecem em todo momento o conteúdo, é antecedida por um aprofundado estudo articulado em cinco capítulos.

O primeiro realiza uma breve biografia do autor e dos outros dois intervenientes no diálogo Inácio de Moraes e Luís Pires, sem esquecer a problemática da datação da obra em estudo. Este capítulo tem a virtude da concisão nos aspectos já tratados. Em lugar de perder-se por caminhos já trilhados, a autora remete, em eruditas notas de rodapé, para outros estudos que podem ilustrar melhor a biografia resendiana, limitando-se aqui a uma sucinta descrição biográfica com destaque para os aspectos mais relevantes que dizem respeito à obra em questão. A autora, pelo contrário, detém-se naqueles pontos que supõem uma novidade. Quanto à datação do diálogo, o certo é que não partilhamos o interesse que parece mostrar a autora na questão de se o diálogo teve efectivamente lugar e quando; este dado parece-nos irrelevante, pois o autor, ao compô-lo de uma determinada maneira e com determinados fins, quis que a conversação tivesse uma realidade literária, independente da realidade histórica. Por isso, parece-nos que a única data que realmente merece a pena descobrir é a da escrita, e esta a Prof. Virgínia Pereira fixa-a com bastante precisão em 1567 (pelo menos, a última demão).

Os três capítulos seguintes apresentam-se intimamente relacionados. O segundo trata de alguns aspectos literários que dizem respeito ao género escolhido pelo autor e a determinadas componentes retóricas da obra que, ao mudar de um livro para outro, configuram as características e a especificidade de cada um deles: tempo, espaço, intervenientes. Estes aspectos literários ver-se-ão desdobrados nos dois capítulos seguintes, atendendo à dupla face da obra de

Resende, que por um lado guarda as características medievais de uma hagiografia e por outro introduz a idiossincrasia dos ideais humanísticos. Assim, no terceiro capítulo a autora descreve as possíveis fontes (demonstrando convincentemente as que assim podem ser chamadas) de onde André de Resende bebeu o material hagiográfico, analisa a obra à luz da sua adequação a este género particular de biografia, e indaga a sua influência em narrações posteriores sobre a vida do famoso taumaturgo. No quarto, explora a vertente humanística de Resende centrada nos frequentes excursos da sua obra, que permitem a análise minuciosa das preocupações do autor em temas de índole filológico-histórica e teológica. Talvez o agrupamento destes capítulos e apartados seja apropriado num sentido, mas por outro lado torna-se também um bocado confuso ver dispersa a identificação das possíveis fontes resendianas, as que dizem respeito ao género literário e portanto à configuração da obra no apartado II.2. e as que dizem respeito ao conteúdo no apartado III.1., como também pode não ser perfeitamente compreensível a estruturação interna do apartado II.1, onde se fala da tradição do género do diálogo para depois passar às características do resendiano e finalizar com a situação do género na época de Resende, quando talvez tivesse sido melhor expor este último tema antes do segundo. Porém, a estrutura escolhida pela autora obedece também a uns pressupostos e interesses que a obrigavam, de certa maneira, a esta dispersão das fontes. De resto, a informação fornecida pela Prof. Pereira nestes três capítulos é muito completa e preciosa para uma boa compreensão do diálogo, remetendo para exaustivas notas o leitor interessado em aprofundar algum tema.

O último capítulo da introdução, sobre a história do texto e a presente edição, é exemplo de rigor científico na fixação de um texto renascentista. A informação detalhada das vicissitudes de transmissão textual permitem compreender na perfeição os preceitos que regeram a confecção do texto final e do aparato crítico.

A tradução, correcta, elegante e sóbria, ajusta-se ao estilo do texto latino e vem completada com eruditas notas finais. É de agradecer a situação das notas, que não estorvam a leitura continuada, mas ilustram pormenorizadamente sobre diversos aspectos quando a elas se dirige o leitor. Termina o estudo com uma bibliografia extensíssima e um índice antroponímico. Da bibliografia, a própria autora assinala o principal senão que se lhe pode apontar: no apartado de fontes impressas tudo está incluído, desde o mais geral ao mais particular, do mais antigo ao mais moderno, de maneira que a sua própria extensão dificulta o aproveitamento que se poderia tirar de tão completa listagem.

O livro da Prof. Virgínia Pereira é, assim, ilustrativo de trabalho rigoroso na apresentação ao público de um texto renascentista, que deve incluir edição (com explicação clara da história da transmissão textual) e aparato crítico, tradução e notas, estudo biográfico e ideológico do autor, estudo literário e de fontes da obra, bibliografia e índices. O já volumoso trabalho não permitia a

inclusão de outras indicações úteis, como seria um estudo linguístico e estilístico mais aprofundado, um estudo das fontes clássicas ou índices toponímicos. Mas dada a competência científica, sobejamente demonstrada, da autora, estamos certos de que cedo dará à lume estudos humanísticos à altura do presente estudo.

CARLOS DE MIGUEL MORA

João Angelo Oliva Neto, *O livro de Catulo*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996 (280 pp.).

Apesar do tempo transcorrido desde a publicação deste livro e apesar da inquestionável qualidade deste quer a nível gráfico-formal quer a nível do conteúdo, nenhuma recensão apareceu até à data em revistas portuguesas, facto que me levou a empreender a tarefa de realizar uma. Na verdade, tendo em conta a endémica situação em que nos encontramos actualmente no que diz respeito a traduções de autores clássicos, não é de negligenciar a aparição, num país de língua portuguesa, de uma versão cuidada da obra de um dos autores latinos mais trabalhados no ensino das línguas clássicas em Portugal, *Catulo*.

O livro está incluído numa colecção chamada *Texto & Arte* (especificamente, o número 13), cujo título não podia descrever melhor os pressupostos que guiam a elaboração do presente volume. Com efeito, a primeira coisa que chama a atenção do leitor é o cuidado gráfico com que está construído. Numerosas ilustrações, a cores e a preto e branco, acompanham o texto impresso, de forma a tornar a leitura muito agradável, dado que em geral representam alguma cena que tem estreitamente a ver com a parte gráfica. Além disso, as amplas margens, os diferentes tipos de letras para destacar nitidamente o texto latino da tradução, a apresentação a duas colunas, a remissão de todas as notas para o fim, constando unicamente o número de verso e evitando assim a presença entediante de números remissivos, tudo está concebido para uma leitura cómoda, fácil, convidativa, amena.

O presente trabalho está concebido como uma obra para o público geral, mas o leitor especialista não se sentirá defraudado com a clareza de exposição e a moderna visão de antigos problemas de que faz gala o autor. A introdução, sem ser prolixa, conserva um precioso equilíbrio entre a erudição e a nitidez expositiva, de forma a poder ilustrar o desconhecedor da obra e da estética do Veronês sem aborrecer o já versado neste campo. A enumeração dos diferentes parágrafos não só cumpre os objectivos do autor, isto é, ajudar na remissão que a eles se faz nas notas, como também esclarece profundamente o fio discursivo, que vai do mais geral (estética helenística) até ao mais concreto (aspectos da presente tradução).

A tradução é a parte mais importante do presente estudo. Contrariamente ao que se costuma fazer em Portugal, no Brasil é quase normativo traduzir as